

Plano ou não plano?

CC - Brasil

Constava, há dias, que o presidente Itamar Franco dera um prazo de 15 dias ao seu novo ministro da Fazenda para que apresentasse um plano capaz de debelar imediatamente a inflação. Agora, no fim de semana, o Planalto diz que não fixou prazo ao sr. Eliseu Resende, e o próprio ministro afirma tranqüilo que “não há planos, há trabalho”.

Efetivamente, se o atual titular da Fazenda conseguisse apresentar, em 15 dias, um Plano para pôr fim à inflação, ou ao menos diminuir radicalmente seus índices, mereceria figurar nos recordes do *Guinness*, sem que se fale que, na visão do presidente da República, tal projeto deverá afastar o descompasso em curto prazo, tarefa jamais vencida desde o Plano Cruzado, de fevereiro de 1986, por sucessivos ministros...

Nesse terreno, ao que sabemos, em toda a nossa história econômica, apenas dois ministros da área chegaram a realizações excepcionais: o do Planejamento do governo João Goulart, Celso Furtado, que conseguiu, em menos de um mês, elaborar um Plano Trienal (de resultados entretanto catastróficos), e o titular da Fazenda na gestão Sarney, Luiz Carlos Bresser Pereira, que, dois meses depois de assumir a pasta, apresentou um programa — na verdade uma adaptação do Plano Cruzado — que não obteve melhor êxito...

Tudo indica, na realidade, que o ministro Eliseu Resende tem à sua disposição um esquema bastante adiantado do plano do seu antecessor, Paulo Haddad, aliás elaborado por uma equipe que ainda trabalha na pasta, apesar da intenção do sr. Itamar Franco de eliminar todos os colaboradores de um titular que procurou “fritar” com tanta in-

sistência. Deve-se lembrar que — talvez com excesso de confiança — o ex-ministro, ao deixar suas funções, declarou que seu plano fora muito bem imaginado, pelo que dele esperava excelentes resultados... Sabe-se, todavia, que, antes de tornar público esse plano, Paulo Haddad pretendia resolver alguns problemas (consolidação da dívida dos Estados e municípios, reforma tributária, elaboração do Orçamento, fechamento do acordo com os bancos estrangeiros...), essenciais à eficácia do programa.

O perigo, neste momento, é que, de um lado, o ministro Eliseu Resende não tenha paciência para concluir as reformas iniciadas por Haddad — ou condições de negociar com os Estados — e, por outro, para agradar ao presidente da República, tome por base o programa do seu predecessor, acrescentando-lhe alguns condimentos que, embora suscetíveis de apresentar resultados a curto prazo, acabem por eliminar toda a eficácia do plano original, a longo prazo. Pode-se pensar, por exemplo, num certo tipo de congelamento (eventualmente denominado prefixação). Urge a clara definição da nova política econômica, mas não à sombra de qualquer plano...



0 8 MAR 1993

ESTADO DE SÃO PAULO